

Onomástica literária: os nomes dos personagens do romance *Lucíola* de José de Alencar

Literary Onomastics: the characters' names of the novel *Lucíola* by José de Alencar

Júlia Sonaglio PEDRASSANI*

Kleber ECKERT**

Maiquel RÖHRIG***

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma análise dos nomes dos principais personagens do romance urbano *Lucíola*, de José de Alencar, publicado em 1862, pertencente à segunda geração do Romantismo brasileiro. A pesquisa foi amparada pela Onomástica, mais especificamente, pela Antroponímia – área da Onomástica que estuda os nomes próprios de pessoa. O objetivo é verificar se os nomes dos personagens foram escolhidos aleatoriamente ou se foram escolhidos com base no seu significado etimológico. Para tanto, discutem-se alguns conceitos teóricos da área da Onomástica, bem como de suas ramificações, de modo que foram destacadas questões como o surgimento dos nomes próprios, transformações que eles sofrem ao longo do tempo e relações existentes entre a origem do nome e do significado que ele exprime. Além disso, apresenta-se uma breve contextualização acerca do Romantismo brasileiro e do

ABSTRACT: The present study shows an analysis of the main characters' names in the urban novel *Lucíola*, by José de Alencar, published in 1862, pertaining to the second generation of Brazilian Romanticism. The research was supported by Onomastics, more specifically by Anthroponomastics, an area of Onomastics which studies personal names. The purpose of this paper is to verify if the characters' names were chosen randomly or if they were chosen according to their etymological meaning. For this purpose, some theoretical concepts in the area of Onomastics are discussed, as well as its branches, in order to discuss matters such as the emergence of proper names, the transformations they have been suffering over time and existing relations between the name origin and its meaning. Furthermore, a brief contextualization about Brazilian Romanticism and the novel plot is presented. The analysis of the names has

* Estudante do Curso de Letras do IFRS - Campus Bento Gonçalves. Bolsista de Iniciação Científica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5435-3835>. juliaspedrassani@gmail.com

** Doutor em Letras pela UCS. Professor do IFRS Campus Bento Gonçalves. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6436-1193>. klebereckert@hotmail.com

*** Doutor em Letras pela UFRGS. Professor do IFRS Campus Bento Gonçalves. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3647-8212>. leuqiam@gmail.com

enredo da obra. A análise dos nomes teve como base a comparação entre as características físicas e comportamentais dos personagens, evidenciadas por trechos retirados do romance, e definições etimológicas e simbólicas encontradas em dicionários de nomes. Após a realização da pesquisa, foi possível notar que há uma relação entre os nomes dos personagens e suas características, o que revela que José de Alencar não escolheu os nomes de maneira fortuita, mas de acordo com a sua etimologia e/ou a sua significação.

PALAVRAS-CHAVE: Antroponímia Literária. Lucíola. Nomes. Romantismo.

as its basis the comparison between the characters' physical and behavior characteristics, revealed by excerpts found in the novel, and etymological and symbolical definitions found in names dictionaries. With this research, it was possible to note that there is a relation between the characters' names and their characteristics, which shows that José de Alencar did not choose the names randomly, but according to their etymology and/or their meaning.

KEYWORDS: Literary Anthroponomastics. Lucíola. Names. Romanticism.

1 Introdução

Este texto faz parte do resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido durante o ano de 2019 no IFRS *Campus* Bento Gonçalves, que teve como tema o estudo dos nomes próprios de pessoa dos romances urbanos de José de Alencar. O recorte escolhido para ser abordado é o romance *Lucíola*, publicado em 1862, que será analisado com base em estudos da Onomástica e, mais precisamente, da Antroponímia Literária.

Tem-se como objetivo analisar os nomes dos personagens da narrativa, levando em conta sua origem etimológica e seu significado, de modo que, ao confrontar tais análises com as características físicas e comportamentais, seja possível evidenciar se as escolhas dos nomes foram feitas aleatoriamente ou se foram motivadas por estudos antroponomásticos. Neste último caso, o significado e a etimologia dos nomes devem ser compatíveis com as características dos personagens. A pesquisa justifica-se pela ausência, até onde foi possível saber, de tais estudos relacionados ao livro em questão, e pela possibilidade de contribuir para o ensino de literatura do período Romântico,

pois, ao ler-se José de Alencar, os leitores terão outra visão dos personagens criados pelo autor, de maneira que consigam realizar uma associação entre os nomes e as características desses personagens.

A metodologia da pesquisa contou com uma revisão bibliográfica acerca da área da Onomástica, que estuda os nomes próprios, e, em seguida, da Antroponímia, que estuda apenas os nomes próprios de pessoa. Dentro deste último campo, encontra-se a Antroponímia Literária, que se dedica ao estudo de nomes de personagens literários. Os conceitos apresentados foram baseados nas contribuições de Vasconcelos (1931), Dauzat (1950), Mexias-Simon e Oliveira (2004), Seabra (2008), Mioranza (2009), Carvalhinhos (2011), Saussure (2012), Sartori (2016), Seide (2016) e Eckert e Röhrig (2018). Além disso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica acerca do período literário em que *Lucíola* está inserido, o Romantismo. Para isso, contou-se com a conceituação de Alencar (1969), Coutinho (1969), Candido (2007) e Bosi (2017).

Em seguida, foi realizada a leitura atenta do livro *Lucíola*, momento em que foram destacados trechos relevantes para a análise, em que constavam informações sobre as características dos personagens. Os trechos eram constituídos por falas, pensamentos do narrador, atitudes perante outros integrantes da narrativa e descrições físicas e morais feitas entre os próprios personagens. Então, consultaram-se dicionários de nomes e sobrenomes, como *Todos os nomes do mundo*, de Oliver (2005); *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Guérios (1973); *Presságios o livro dos nomes: Um guia para escolher o melhor nome para empresas, pessoas e marcas*, de Martins (2002); *O étimo dos nomes próprios*, de Andrade (1994); e *O livro dos nomes*, de Obata (1986), para se fazer a comparação entre características encontradas na leitura da obra *Lucíola* e as informações etimológicas e simbólicas desses nomes, verificadas nos dicionários.

A Onomástica é o campo que se dedica ao estudo dos nomes próprios, e divide-se, principalmente, em duas grandes áreas: a Toponímia e a Antroponímia. A primeira

tem como foco os nomes de lugares, como de rios, mares, cidades, ruas, estados etc.; e a segunda preocupa-se apenas com os nomes de pessoas (nomes, sobrenomes, apelidos) e tem como um dos seus campos de estudo a Antroponímia Ficcional, que se dedica aos nomes de personagens de filmes, livros ou novelas, por exemplo. Dentro dessa área menor, encontra-se a Antroponímia Literária, exclusiva dos nomes de personagens de textos literários. A análise de *Lucíola*, nesta pesquisa, enquadra-se neste último campo, por ser um livro ficcional, de grande importância para a literatura brasileira. Quanto ao período literário em que se encontra, destaca-se sua característica nacionalista. *Lucíola*, publicado em 1862, como parte da obra de José de Alencar, é conhecida como uma das principais obras do romance urbano deste autor, pois descreve características da vida citadina do século XIX no Brasil.

Em relação à organização, este artigo está dividido em cinco partes. Na segunda, explicam-se os conceitos relacionados à Onomástica e as suas ramificações. Na terceira parte, encontra-se uma breve contextualização acerca do Romantismo no Brasil, em que se tem como foco o romance urbano de José de Alencar. Essa parte é seguida pelo enredo de *Lucíola*, de modo que o entendimento da análise dos nomes se tornasse mais claro. Por fim, a quinta parte da pesquisa é constituída pela análise Antroponomástica dos nomes dos personagens, ou seja, uma comparação entre o significado etimológico e simbólico de seus nomes, encontrado nos dicionários, e as características físicas e comportamentais verificadas na obra.

2 Onomástica

A Onomástica, de acordo com Vasconcelos (1931), é responsável pelos estudos dos nomes próprios, ou seja, dos signos onomásticos. A Onomástica pode ter seus estudos relacionados a outras ciências, como a Linguística Histórica, por estudar o surgimento e a fixação dos nomes e sobrenomes; e a Etimologia, pois seus estudos

também têm como foco o passado, e, além de procurar a origem das palavras, analisa o contexto histórico e social em que os nomes surgiram (MIORANZA, 2009).

Contudo, mesmo que os signos onomásticos também façam parte do léxico de uma língua, eles possuem traços diferentes dos signos linguísticos, evidenciados por Saussure no *Curso de Linguística Geral*. De acordo com o linguista suíço (2012), os signos linguísticos constituem-se através da união arbitrária de um significado (conceito) e de um significante (imagem acústica). Já os signos onomásticos, de acordo com Sartori (2019), não são arbitrários, mas motivados, pois são constituídos apenas por um significante que aponta diretamente a um indivíduo, de modo a indicá-lo dentro da sua coletividade. Para a autora, a Onomástica se afasta do sistema lexical de uma língua por seu caráter individualizador e identificador, “assim, cada nome próprio assume um papel fundamental na identificação e organização de um sistema administrativo na sociedade” (SARTORI, 2016, p. 128).

A função organizadora e identificadora do nome próprio dentro de um meio social é tão significativa que, para Mioranza, “não resta dúvida que nome e sobrenome representam uma identidade de todo particular e específica de cada um. Tanto é verdade que qualquer ofensa direta ao nome de uma pessoa prova reação imediata de seu portador” (2009, p. 39). Isso acontece porque, ao contrário dos signos linguísticos, o signos onomásticos são formados por um significante que se relaciona diretamente a um indivíduo, identificando-o no interior de um coletivo, “sem a passagem por um significado relativo a um elemento ou <<objeto>>, individual e concreto, isto é, a um <<referente>>” (MARCATO, 2009, p. 19 *apud* SARTORI, 2016, p. 128). Para Seabra, o *nome*, na área da Onomástica, representa um *nomeador* e um *nomeado*, que se unem “a uma representação externa”, com um caráter denominativo (2008, p. 1954).

Dentro dos estudos onomásticos, notam-se, principalmente, dois grandes campos: a Toponímia e a Antroponímia. De acordo com Vasconcelos, a primeira dedica-se aos estudos “dos nomes de sítios, povoações, nações, e bem assim de rios,

montes, vales, etc., - isto é, os nomes geográficos” (1931, p. 03); a segunda dedica-se aos estudos “dos nomes individuais, como o dos sobrenomes e apelidos” (1931, p. 03), portanto, esta é a área na qual este trabalho se fundamenta. Por mais que esses dois grandes campos tenham diferentes objetos de estudo, é possível notar alguns traços semelhantes entre si. Nesse sentido, Carvalhinhos afirma que “o nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos” (2011, p. 2).

De acordo com Dauzat (1950)¹, historicamente, os nomes próprios, tanto de lugares, quanto de pessoas, foram criados a partir de nomes comuns ou adjetivos substantivados; de maneira que os nomes de pessoas têm apelidos metafóricos, que remetem à profissão ou ao lugar em que elas nasceram ou vivem; e os nomes de lugares foram formados a partir dos nomes de pessoas ou das características do próprio lugar. Destarte, o autor postula que existe uma relação de interdependência entre dois campos: cidades são chamadas pelo nome do fundador e as famílias que habitam o lugar são chamadas conforme a localidade.

O campo da Antroponímia estuda “tanto os nomes pessoais ou prenomes, como os nomes familiares ou sobrenomes” (MIORANZA, 2009, p. 27). De acordo com o autor, os sobrenomes italianos, por exemplo, classificados como patronímicos ou derivados de nomes próprios têm sua origem a partir do século VIII, quando “surgiu a primeira fórmula moderna para distinguir um indivíduo de outro, ou seja, citando o nome do pai, como aposto, na expressão latina que foi se consagrando em todos os textos e documentos: *Paulus Filius Philippi*” (MIORANZA, 2009, p. 35), assim o nome mostra que Paulus é filho de Philippi. À vista disso, Mioranza (2009) postula e exemplifica que, na Idade Média, o sistema de criação de sobrenomes estava associado ao lugar de origem do indivíduo, *Paulus de Verona*, ou seja, Paulo que nasceu ou viveu em Verona; à sua posição social, como *Conde*; à sua profissão, como *Ferrarri*, que indica

¹ Tradução realizada pela professora Dr^a Vitalina Maria Frosi, da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

que o indivíduo era um ferreiro; ou à sua característica, como *Grassi*, evidenciando que a pessoa estava acima do peso.

Quanto aos nomes próprios, ou seja, o primeiro nome de um indivíduo, Carvalhinhos (2011) afirma que Guérios cita quatro causas que justificam seu surgimento, sendo elas: a) homenagem a divindades, líderes políticos e personagens históricos relevantes; b) circunstância, data e local de nascimento e características físicas ou morais; c) nomes relativos a profissões; d) nomes curiosos ou excêntricos (2011, p. 04). Além disso, a autora afirma que

Dauzat propõe mais dois elementos nitidamente presentes no ato de nomeação: o fato conservador, que leva à perpetuação de certos nomes de família (isto é, determinado nome passaria a ter 'tradição de família'), e também as influências da moda (CARVALHINHOS, 2011, p. 4).

As causas para o surgimento dos nomes próprios mostram, mais uma vez, o poder de individualização que eles têm. Assim, Dauzat nota que “o nome é ligado inseparavelmente ao ser designado, nele se incorpora” de modo que “o nome exercerá, crê-se, uma influência sobre a criança” (DAUZAT, 1950, p. 4), já que o significado do signo onomástico indica a expectativa dos pais para que a criança tenha as características indicadas pelo seu nome.

Contudo, os signos onomásticos mostram ter sofrido mudanças ao longo do tempo, principalmente no que tange a seu significado. Para Dauzat (1950), os nomes de lugar permanecem fixos, ao contrário dos nomes de pessoa, que mudam mais rápido e até desaparecem, por causa das diversas variações, combinações e até mesmo pela passagem das gerações. Do mesmo modo, Sartori afirma que “o dinamismo da língua faz com que o nome perca, rapidamente, seu significado” (2016, p. 129). Antigamente, os nomes eram escolhidos pelo significado do signo onomástico, de acordo com as crenças e desejos dos pais, de maneira que o significado do nome fosse

uma projeção para a vida da criança, como dito anteriormente. Contudo, Dauzat, ainda em 1950, nota que os nomes tiveram seus sentidos esvaziados em relação à sua forma primitiva.

Diferentemente dos nomes de lugares, os nomes de pessoas sofreram influência dos nomes da moda (DAUZAT, 1950). Atualmente, de acordo com Carvalhinhos (2011), a motivação da escolha dos nomes está associada à sonoridade do signo onomástico ou então é influenciada pela moda, em que os pais escolhem o nome como uma homenagem a um ídolo de futebol, personagem da novela, ou a outras personalidades do momento, o que é “uma maneira de projetar na criança o desejo de sucesso alcançado pelo modelo portador do nome” (CARVALHINHOS, 2011, p. 16).

Existem ainda, dentro dos estudos Antroponímicos, áreas que têm objetos de pesquisa mais específicos, como é o caso da Antroponímia Ficcional e da Antroponímia Literária. De acordo com Seide (2016), a Antroponímia Ficcional é a área que analisa os nomes de “seres literários ou personagens de filmes ou seriados unindo, portanto, pesquisas do âmbito literário com as do âmbito audiovisual, ou seja, os estudos literários com os semióticos” (SEIDE, 2016, p. 1175). A autora também nota a multidisciplinaridade dessa área, por envolver estudos literários e/ou artísticos, que relacionam história, cultura e sociedade.

A Antroponímia Literária, por sua vez, tem como foco, exclusivamente, os nomes de personagens literários. Consoante aos estudos de Eckert e Röhrig (2018), costuma-se considerar a Antroponímia Literária como parte da Antroponímia Ficcional, visto que aquela é mais específica, já que se dedica apenas ao estudo dos nomes de personagens de obras literárias. Desse modo, a presente pesquisa se insere no campo de estudos da Antroponímia Literária, pois tem como objetivo analisar os nomes dos personagens do romance *Lucíola*, de José de Alencar.

Sobre os nomes de personagens, Mexias-Simon e Oliveira (2004) afirmam que eles representam “um recado do autor aos leitores”, pois em alguns casos o nome

“traça o caráter dos personagens, é parte da trama” (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 63). De acordo com as autoras, os personagens literários são “arquetípicos, pontas de icebergs, conjuntos de semas, obrigatoriamente portadores de um nome que os aponte” (MEXIAS-SIMON; OLIVEIRA, 2004, p. 64). De acordo com elas, essa relação entre nome e característica de personagens pode ser identificada no próprio signo onomástico, através de maneiras diferentes, que envolvem a fonologia do nome, análise do nome através de elementos já familiarizados na língua, onomatopeias etc. As autoras também evidenciam que a falta ou a omissão do nome são significativas, bem como a mudança de nome de um personagem ao longo da história, caso presente no romance estudado neste trabalho.

3 O Romantismo Brasileiro

O Romantismo brasileiro caracterizou-se por sua função patriótica devido ao momento político pelo qual o país passava. A independência fez com que surgisse a necessidade de criar um imaginário que estabelecesse as características do Brasil e do povo brasileiro. Para Candido (2007, p. 328), “manteve-se durante o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava aos escritores não apenas a cantar sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso”. Ainda, de acordo com o autor, as influências externas “se prestam à estilização das tendências locais” (CANDIDO, 2007, p. 332). Nesse sentido, Candido (2007, p. 433) também evidencia que o romance brasileiro, desde o início, se dedicou a descrever “os tipos humanos e formas de vida social nas cidades e nos campos”.

Quanto ao conteúdo, Coutinho (1969) destaca onze qualidades que caracterizam o período Romântico. São elas: individualismo e subjetivismo, ilogismo, senso de mistério, escapismo, reformismo, sonho, fé, culto da natureza, retorno ao passado, pitoresco e exagero. Candido (2007), por sua vez, destaca também a verossimilhança das narrativas românticas. De acordo com este autor, elementos

relacionados à sociedade, ao ambiente e à cultura foram levantados pelos românticos para a elaboração de suas obras. Desse modo, as narrativas possuem características realistas, pois fixam literariamente “a paisagem, os costumes e os tipos humanos” (CANDIDO, 2007, p. 434). Para o autor, nas narrativas desse período, há um “ajustamento ideal entre a forma literária e o problema humano que ela exprime” (CANDIDO, 2007, p. 430).

Em relação à forma dessas obras, Candido (2007, p. 429), caracteriza esse gênero como “o mais universal e irregular dos gêneros modernos”. Nesse sentido, Coutinho (1969) destaca que assim como o conteúdo remete à liberdade do indivíduo, a forma romântica também não possui regras e formas fixas. De acordo com Alencar (1969), o romance romântico brasileiro tem como base estrutural três influências: a literatura oral, o teatro e o romance estrangeiro. A primeira influência está relacionada “ao desenvolvimento da intriga, do enredo, e a configuração do tempo dentro da história” (ALENCAR, 1969, p. 276). A segunda diz respeito à presença de um narrador intermediário, que conta o que está acontecendo, como em uma peça de teatro. E a terceira recai sobre o folhetim, pois esse formato faz com que o leitor prenda sua atenção à história e fique com desejo de saber o que vai acontecer em seguida.

Dentre os autores românticos brasileiros, destacam-se Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A Moreninha*, e José de Alencar, autor de *Lucíola*. Quanto à obra de José de Alencar, pode-se dividir suas narrativas em três grandes fases: indianista, histórica e urbana. Toma-se como foco seu romance urbano, por ser aquele de que *Lucíola* faz parte. Nessa terceira fase, José de Alencar dedica-se a mostrar como é a vida nacional, evidenciando suas características relacionadas às tradições, aos costumes e à linguagem do brasileiro (ALENCAR, 1969).

Como característica das obras citadas de José de Alencar, Bosi (2017, p. 135) destaca que ao ler tais narrativas, o leitor consegue “reencontrar a própria e convencional realidade e projetar-se como herói ou heroína em peripécias com que não

se depara a média dos mortais”. O estudioso também nota que os romances urbanos de Alencar envolvem problemas amorosos avaliados “por um padrão aristocrático de juízo moral”, como acontece em *Lucíola*. Contudo, o autor afirma que mesmo que haja problemas, “sempre se salva, no foro do íntimo, a dignidade última dos protagonistas [...]” (BOSI, 2007, p. 147).

Para Heron de Alencar (1969), José de Alencar traz à tona diversos detalhes da vida social em seus romances urbanos, como danças, saraus, protocolos amorosos e outros costumes morais. Nesse sentido, assim como Bosi, Alencar (1969) também nota que o problema das narrativas gira em torno de relacionamentos amorosos, principalmente no que tange “a situação social e familiar da mulher, em face do casamento e do amor” (ALENCAR, 1969, p. 249). O autor afirma, quanto às heroínas de José de Alencar, que elas fogem de casamentos por conveniência, buscando sua intimidade romântica e o amor ideal. Essa atitude pode ser notada como “proclamação dos direitos que tem a mulher ao amor e à liberdade” (ALENCAR, 1969, p. 249). Os problemas morais levantados pelos autores são claramente notados em *Lucíola*, cuja narrativa se desenvolve pelo conflito entre a prostituição da personagem Lúcia e o relacionamento existente entre ela e Paulo.

4 Enredo de *Lucíola*

A narrativa *Lucíola* de José de Alencar foi publicada em 1862 e é dividida em 21 capítulos, além de um trecho inicial intitulado de *Ao Autor*. Nesse trecho, a voz que se manifesta não é a do narrador dos demais capítulos, mas sim de um anônimo identificado apenas por G. M. .G. M. em poucas palavras, explica ao leitor que reuniu as cartas que Paulo havia lhe enviado e feito um livro, que decidiu chamar de *Lucíola*.

Os principais personagens de *Lucíola* são Paulo, jovem advogado que chega à corte do Rio de Janeiro após formar-se em Recife; Lúcia, prostituta mais cobiçada da corte, encontra-se apenas com os homens mais ricos da região; Couto, homem rico e

primeiro amante de Lúcia, que a levou à prostituição quando ela precisava de dinheiro para sustentar sua família doente; Jesuína, cafetina que tira Lúcia das ruas após esta ser abandonada por sua família; e Ana, irmã mais nova de Lúcia, menina doce e inocente.

O romance é narrado em primeira pessoa por Paulo, que conta a sua história de amor com Lúcia. A história, que inicia com o encontro desses personagens, narra aproximadamente os cinco meses em que o casal esteve junto. Os protagonistas se encontram na corte do Rio de Janeiro, quando Lúcia tinha dezenove anos. Paulo se apaixona por sua beleza, mas descobre que ela era a prostituta mais cobiçada da corte. O relacionamento dos personagens sofre influência de três fatores principais: o amor que eles sentem um pelo outro, pois querem estar juntos; a situação financeira dos personagens, pois Paulo não tem dinheiro para sustentar a si mesmo e a Lúcia, que é rica; e a prostituição, que deixa Lúcia infeliz e faz com que Paulo tenha crises de ciúmes. Nesse sentido, os personagens estabelecem um romance conturbado, pois podem estar juntos e felizes e, em seguida, o sentimento de inferioridade e o ciúme de Paulo fazem com que eles se separem.

Contudo, no capítulo dezenove, Lúcia conta a Paulo sua história de vida. Ela havia sido batizada como Maria da Glória e passou a infância com sua família em São Domingos. Dois anos após eles se mudarem para a corte do Rio de Janeiro, seus pais e irmã adoeceram devido a um surto de febre amarela, e ela precisou arranjar dinheiro para o tratamento médico. Couto a encontrou e a prostituiu. No momento em que o pai dela ficou sabendo, a expulsou de casa e ela ficou nas ruas até ser encontrada por Jesuína. Quando a história de Lúcia é revelada a Paulo, a narrativa e o fluxo das ideias de Paulo em relação à protagonista se modificam, de modo que ele a compreenda mais profundamente e a ame com mais ternura. Assim, o romance entre eles transforma-se: perde o caráter sexual e torna-se, gradualmente, idealizado. Lúcia começa a cuidar de sua irmã, Ana, e os três vivem juntos. No final da narrativa, Lúcia percebe que está

grávida, mas sofre um aborto. A personagem fica muito doente e, inicialmente, recusa ajuda médica, pretendendo que seu sofrimento seja uma maneira de penitenciar-se por seus pecados e, assim, purificar sua alma. Quando Paulo a convence a tomar os remédios, eles não produzem efeito. Horas depois, Lúcia morre e deixa Ana aos cuidados de Paulo, que passa a considerá-la sua filha. Paulo, seis anos após a morte de Lúcia, escreve cartas e as envia a G.M., das quais resulta o romance cujos nomes serão analisados a seguir.

5 Análise dos nomes

Lúcia/Maria da Glória: De acordo com Oliver (2005), o nome Lúcio, masculino de Lúcia, deriva do latim *Lucius*. O termo é proveniente de uma raiz latina que originou o termo *lux* (luz) e significa “o luminoso”. Assim, segundo Martins (2002), o nome remete a alguém que traga luz. Além do significado etimológico, Obata (1986) e Andrade (1994) afirmam, quanto à simbologia do nome *Lucius*, que o termo é relacionado ao amanhecer. Para Obata (1986), o nome é uma abreviatura de *prima lucenatus*, que significa “nascido com a manhã” (OBATA, 1986, p. 130) e, consoante Andrade (1994, p. 88), “refere-se a aqueles que nascem pela manhã”. Ao comparar o significado do nome às imagens descritas por Paulo ao tratar-se de Lúcia, pode-se estabelecer uma relação entre as características da personagem e o seu nome, como em: “[...] brilho de seus olhos e do viço da pele fresca e suave, que tinha reflexos luminosos” (ALENCAR, 2017, p. 66), que remete à luminosidade, e em “[...] realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada (ALENCAR, 2017, p. 15)”, que está relacionado ao nascer do dia.

Outro nome que remete à luz e ao nascer do dia, também derivado do termo latim *lux*, é Lúçifer. Este é o nome dado ao planeta Vênus quando ele aparece como uma estrela durante a manhã, bem como chama-se Lúçifer o principal anjo caído do

céu ao inferno, de acordo com a crença Cristã. Esses pontos também foram evidenciados durante o romance: no terraço de sua casa, ao olhar o céu, Lúcia diz a Paulo: “– Aí está a minha estrela! Olhe, sou eu!” (ALENCAR, 2017, p. 67) e ele explica “disse mostrando-me Lúcifer, que se elevava no oriente límpida e fulgurante” (ALENCAR, 2017, p. 67); e, em uma festa, quando um dos homens sugere que Lúcia troque seu nome para Lúcifer devido a sua personalidade, ela o questiona “– Quem não sabe que eu sou o anjo de luz, que descí do céu ao inferno?” (ALENCAR, 2017, p. 47).

Como dito anteriormente, no capítulo dezenove, Lúcia conta sua história a Paulo, e revela que seu nome verdadeiro é Maria da Glória. De acordo com Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 67), “personagens trocam de nome quando desejam praticar façanhas sem que seus próximos saibam quem as pratica, convivendo com dois nomes”. A troca do nome ocorreu quando sua amiga chamada Lúcia, também cortesã, morre. Maria da Glória passa seu nome à menina para que seus pais, ao lerem o obituário, achassem que ela estava morta. Quanto à origem etimológica e significado do nome, Maria remete à “senhora, excelsa, sublime” (ANDRADE, 1994, p. 92), e Glória, de acordo com Oliver (2005), provém do substantivo glória e é um termo “emprestado a uma das invocações de Nossa Senhora, geralmente dado às meninas nascidas a 15 de agosto, quando a Virgem é cultuada” (OLIVER, 2005, p. 409). A ligação existente entre o nome e as características da personagem pode ser notada em três pontos. O primeiro, é que a protagonista, sob o nome Maria da Glória, eleva-se quanto à sua moralidade e pureza, torna-se uma mulher idealizada, como bem indica o significado do nome Maria. O segundo ponto, é que, ao passar a ser chamada pelo seu verdadeiro nome, a personagem transforma-se, passa a ser mais alegre e positiva, o que pode ser relacionado ao substantivo glória. E o terceiro é a data de aniversário da personagem, nascida no dia 15 de agosto, no mesmo dia em que a santa é cultuada.

Quanto ao seu nome, a protagonista diz: “[...] foi Nossa Senhora, minha madrinha, que mo deu. Nasci a 15 de agosto” (ALENCAR, 2017, p. 142).

Obata (1986, p. 94) complementa a significação de Maria da Glória ao afirmar que “é um nome cristão, alusivo à Páscoa da Ressurreição ou Domingo de Glória”. Logo após contar a Paulo seu verdadeiro nome, ela diz: “amanhã mudo-me. Venha-me buscar ao romper do dia. Desejo... Careço de entrar apoiada ao seu braço na casa onde vou viver minha nova existência” (ALENCAR, 2017, p. 147). Lúcia ressuscita em Maria da Glória, ela começa uma vida nova, pois troca de casa e de companhia, deixa de lado os homens da corte para viver com sua irmã, Ana, e relacionar-se apenas com Paulo. Essa renovação da personagem é compatível com a simbologia da Páscoa.

Paulo: derivado do latim *Paulus*, o nome, de acordo com Obata (1986, p. 158) significa “‘pequeno’, no sentido de ‘humildade’ e não como referência a característica física”. Já Andrade (1994) e Oliver (2005) discordam, ao afirmarem que o nome remete a pequeno, ou à baixa estatura. No romance de José de Alencar, não foram encontradas referências acerca do tamanho físico do personagem. Contudo, pode-se estabelecer relação entre o significado do nome e as características do personagem, ao analisar-se sua personalidade. Paulo tentava se ver como um homem nobre em algumas ocasiões, porém fracassava em atitudes simples, como aconteceu ao tentar falar com Lúcia pela primeira vez, quando o personagem diz ter respondido a ela “alguma palavra que nada exprimia, dessas que se pronunciam às vezes para ter o ar de dizer alguma coisa” (ALENCAR, 2017, p. 17). Além da dificuldade em se relacionar com outras pessoas, Paulo mostra ser um homem dramático e ciumento, inseguro quanto a Lúcia e incapaz de sustentar os luxos dela. Essas características tornam difícil o romance entre os dois protagonistas. Em certa ocasião, após uma briga, Paulo pensa “que miserável animalidade havia em mim naquela noite! Quando essa pobre mulher atingia o sublime do heroísmo e da abnegação, eu descia até a estupidez e a brutalidade!”

(ALENCAR, 2017, p. 96), o que mostra que ele não é um grande homem, mas sim um homem que deixa clara sua inferioridade em relação aos outros personagens da história.

Couto: Conforme Andrade (1994), o nome remete a uma fração de terra privilegiada, onde se encontra defesa, onde a caça é proibida por ser um espaço próprio para pastagem de gado. Nesse sentido, de acordo com o Dicionário Caldas Aulete, chama-se couto o lugar onde “se pode ficar abrigado ou protegido”. Em *Lucíola*, o personagem Couto é um homem rico que deseja Lúcia. Quando ela precisava de dinheiro, durante sua infância, Couto apareceu como uma possibilidade de abrigo na visão inocente de menina: “ele me consolou e disse-me que o acompanhasse à sua casa. A inocência e a dor me cegavam: acompanhei-o” (ALENCAR, 2017, p. 143). Na corte, após uma briga com Paulo, para causar-lhe ciúmes, Lúcia recorre a Couto e eles se encontram à noite, para sair. Mesmo que a personagem tenha aversão por Couto, ela sabe que ele sempre estará presente quando ela o chamar.

Jesuína: De acordo com Obata (1986), o nome é derivado de Jesus, sendo esse também seu significado. Oliver (2005, p.209), quanto ao nome Jesus, afirma que “vem do hebraico e significa Deus é a salvação ou Deus é o auxílio”. Lúcia revela que Jesuína é a personagem que a tira da rua quando ela é expulsa de casa pelos pais, e fica subentendido para o leitor que a mulher era uma cafetina. Durante o período em que Lúcia trabalhou para Jesuína, esta era responsável pela intermediação entre a protagonista e sua família, já que mandava dinheiro e notícias aos pais de Lúcia. No momento em que Lúcia fica doente, conforme os relatos de Paulo, ela fica sob os cuidados de Jesuína, que não sai de perto de seu leito. Jesuína, mesmo que tenha promovido a prostituição da menina, cumpriu o papel de salvação na história, pois esteve junto de Lúcia em momentos de dificuldade.

Ana: Nome que significa “graça, clemência, mercê” (GUÉRIOS, 1973, p. 54), ou “cheia de graça” (OLIVER, 2005, p. 240), ou “que tem compaixão” (OBATA, 1986, p. 27). A irmã de Lúcia aparece no romance como um símbolo de renovação, pois surge quando Lúcia inicia sua vida nova. Conforme pensamento de Paulo, a menina era “linda e mimosa como um anjinho de Rafael” (ALENCAR, 2017, p. 148). É uma menina doce e inocente que representa o que o significado do seu nome propõe.

6 Considerações finais

Ao comparar-se o significado etimológico dos nomes dos principais personagens de *Lucíola* com os trechos do romance que revelam suas características físicas e comportamentais, e ao levar-se em conta a revisão bibliográfica acerca dos campos da Onomástica, pôde-se notar que existe uma relação entre os atributos dos personagens e a origem etimológica e/ou o significado dos seus nomes. Desse modo, é possível afirmar que José de Alencar, na obra *Lucíola*, não escolheu os nomes aleatoriamente, como uma mera etiqueta, mas os escolheu com base em estudos antroponímicos. Nota-se que houve uma preocupação por parte do autor na criação dos personagens e os papéis cumpridos por eles na narrativa.

Ao se perceber a relação entre os nomes e as características de cada personagem, o leitor tem acesso a uma camada mais profunda da obra literária, visto que tem a oportunidade de perceber elementos que se tornam mais evidentes após a análise simbólica e etimológica dos nomes. No caso de *Lucíola*, destacam-se pontos como a renovação da personagem Lúcia ao passar a ser chamada de Maria da Glória, da inferioridade de Paulo e do perfil protetor de Couto, que têm sua personalidade reveladas com mais clareza através da análise Antroponomástica dos seus nomes. Nesse sentido, a pesquisa que resultou no presente artigo também pode contribuir para um ensino de literatura de forma mais eficaz, pois possibilita ao aluno uma compreensão mais ampla da história.

Dadas as reflexões realizadas neste artigo, nota-se a possibilidade de analisar, à luz dos estudos onomásticos, outras obras de José de Alencar, bem como narrativas de outros autores que fazem parte da literatura brasileira. Além disso, obras ficcionais que saem do campo literário, como filmes, novelas e seriados, também podem ser estudados.

Referências bibliográficas

ALENCAR, H. de. José de Alencar e a Ficção Romântica. *In*: COUTINHO, A. (org.). **A literatura no Brasil: Romantismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.

ALENCAR, J. M. de. **Lucíola**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

ANDRADE, J. de. **O étimo dos nomes próprios**. São Paulo: Thirê, 1994.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 51 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CARVALHINHOS, P. de J. As origens dos nomes de pessoas. **Domínios de Linguagem**, v. 1, n. 1, 1^o semestre 2007. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401>. Acesso em: 24 set. 2019

COUTINHO, A. O. Movimento Romântico. *In*: COUTINHO, A. O. (org.). **A literatura no Brasil: Romantismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.

DAUZAT, A. **Les nomes de personnes: origine et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms**, 4 ed. – Paris: Delagrave, 1950.

Dicionário online Caldas Aulete. Disponível em: www.aulete.com.br/couto. Acesso em: 12 fev. 2020.

ECKERT, K.; RÖHRIG, M. Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1277-1294, jun. 2018. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1277-1294>

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

MARTINS, J. R. **Presságios os livros dos nomes**: Um guia completo para escolher o melhor nome para empresas, pessoas e marcas. São Paulo: Editora Alegro, 2002.

MEXIAS-SIMON, M. L.; OLIVEIRA, A. de M. **O nome do homem**: Reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: HP, 2004.

MIORANZA, C. **Filus Quondam**: a origem e o significado dos sobrenomes italianos. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

OBATA, R. **O livro dos nomes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

OLIVER, N. **Todos os nomes do mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SARTORI, T. O. Signo linguístico versus signo onomástico: convencionalidade e motivação para falar e nomear. **Revista Científica Ciência em Curso**, v. 4, p. 123-133, 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e Onomástica. *In*: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (org.). **Múltiplas Perspectivas em Linguística**. Uberlândia: Edufu, 2008, p. 1945-1952.

SEIDE, M. S. Métodos de pesquisa em antroponomástica. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/32482>. Acesso em: 3 out. 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-19>

VASCONCELOS, J. L. **Opúsculos**: Onomatologia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Artigo recebido em: 11.03.2020

Artigo aprovado em: 17.04.2020